

## **TRISTE PÁSCOA**

*1/4/02 Benjamin Mandelbaum*

A Páscoa Judaica fala da libertação da escravidão e da jornada rumo a terra prometida, a cristã ensina sobre a ressurreição. Entretanto, estou chocado aterrorizado e amedrontado com os acontecimentos desta triste Páscoa Judaico-palestina. Soluçando rezo, sem palavras, não sei onde nem como, pela esperança da paz construída, já que ela só existe enquanto construção comum.

A Cabalá nos ensina que é necessário o acerto do coração, Tikun haLev integrado ao do mundo, Tikun Olam, para o cumprimento do advindo messiânico quando as espadas serão arados e até os animais inimigos viverão em harmonia. Neste acerto emocional o fluxo dos sentimentos circula suavemente na saúde, mas se trava na doença da alma. Como um computador que encrenca devemos reinicializar as lições aprendidas com o coração, nas intensidades emocionais naturais carregadas de tristezas, raivas e medos que quando empedernidos como o coração de Faraó adoecem-nos com depressões, ódios e pânico na contemporaneidade. Fechar o coração para se defender da dor aprisiona também a alegria do amor que adoecida vira euforia maníaca. Para libertarmos o amor que alegre pacífica devemos aceitar a liberação e expressão dos sentimentos dolorosos que coabitam misturadamente. Os líderes tirânicos negam seus sentimentos de medo, tristeza e dor e assassinam direta ou indiretamente a juventude do seu próprio povo.

Entre pedaços de corpos esfaçalhados que se misturam entre si e que são catados pelos ortodoxos acabam assim sendo enterrados juntos com seus genomas de irmãos xifópagos nestes fratícidios. Transgride-se assim todo o limite civilizatório com a reinstauração da barbárie, da qual ainda não saímos, quer em nível individual-grupal, quer estatal. A construção dos tempos Messiânicos, nesta restauração do concerto do mundo se dará com a re-união dos povos na mesma casa do Senhor, quando ISH MA EL e ISH RA EL coabitarem em paz.

A contabilização das desgraças destes povos se não fosse trágico seria cômico como na piada minimalista de dois indivíduos sorumbático-melancólico (na piada judeus, aqui um judeu e outro palestino) que após um longo e pesaroso silêncio murmura um Oi, Ai, sendo respondido pelo outro “para mim você vai dizer?”. Este campeonato de martírio é simplesmente estúpido, sempre empatado. Tal como é a ação do vingador jogando a brasa incandescente que queima primeiro sua própria mão.

Neste morticínio reaparece a questão que sempre acompanhou a história da reflexão humana em todas as épocas e em todas as culturas. O Suicídio. Louvado e enaltecido por uns em certos momentos, tanto quanto condenado por outros, é sempre questão polêmica. Aprendemos com a psicologia profunda que ele é um atentado aos objetos internos que a agressão suicida representa. Como gesto confusional deixa nos vivos sentimentos ambíguos de culpa, raiva e tristeza. Por outro lado, foi tratado do Suicídio como coisa social que Emile Durkheim inaugurou a Sociologia tratando da sua incidência e prevalência enquanto fenômeno social. Assim, a maior incidência de Suicídio ocorre nas sociedades anômicas cuja lei e sua aplicação são ambíguas, tendo pesos com várias medidas, favorecendo as estruturas verticalizadas de poder sem possibilidade de transformações internas e externas.

As baleias não se suicidam, nenhum animal atenta contra sua própria vida, seria ir contra o instinto. Este pode sofrer perturbações pelas circunstâncias ambientais

insuportáveis se lançando desesperadamente em aventuras funestas, como o peixe que pula do aquário. Triste definição do humano que o qualifica como o único animal que se suicida, ou seja que sabe consciente de sua finitude e que a abrevia voluntariamente, transformando-o no paradoxo do livre arbítrio.

Que distinções faríamos nestes casos? Na guerra do Vietnã assistimos chocados os monges se imolando em fogo protestando contra a guerra. Surfistas de trem seriam esportistas radicais ou suicidas inconscientes? O que dizer do abuso das drogas lícitas e ilícitas junto com os atentados ecológicos locais e globais? Os japoneses com os kamikazes militares que se arremessavam como torpedos humanos se equivalem ao Hara-Kiri com sua tentativa funesta de restauração da honra perdidas? Entregas à morte pela não rendição são marcas heróicas em muitos povos inclusive o judeu como em Massada, quando no cerco final os últimos resistentes se atiraram ao precipício fatal, tal como outros povos encurralados como os incas. Como enquadrar os surtos ideológico-psicóticos assassinos que são cada vez mais comuns nas grandes metrópoles ocidentais, até na nossa. Nesta semana um sujeito em Nanterre eliminou parlamentares e suicidou-se depois. Mundo estranho este que mostra este mesmo jornal com os números de nossos mortos da semana nesta guerra cotidiana da nossa cidade maravilhosa, na maioria de jovens. Nossa cultura doente cria doenças, toda vez que nossa natureza instintivamente vital é contrariada. Se o suicida sou eu ou o outro, quantos vão juntos e quantos ficam vivos estraçalhados passam a ser apenas detalhes mórbidos. Todo suicídio tem algo em comum que é o desespero travestido da esperança de por fim a dor maior, pessoal ou coletiva, heróica ou covardemente, mas que na verdade só leva mais desespero ainda, especialmente em quem sobrevive com seus despojos.

Mesmo doendo sintamos o medo, a tristeza e a raiva deixando livre o coração para amar com a alegria a paz que construiremos juntos lá e aqui, com a parceria do inimigo que sente as mesmas coisas que nós. É hora de basta. Chega de terror e horror que a miséria da guerra e da injustiça social trazem. Nosso sangue é igual vermelho como a terra santa que sangra e se envergonha.